

Onde vês , levantado
Seis constantes varões a nobre fronte ,
 Jurar que fieis pintam
 Factos por elles vistos ;
E firmes no tremendo cadafalso
Com seu sangue sellar o juramento ?
 CALDAS ODE VII , EP. 4.

A religião christã , que teria com seu balsamo suave cicatrizado tantas chagas abertas em tantos corações pela mão sangrenta da revolução , se nessas crises erguesse o seu estandarte divino ! E que de fatalidades não poderiam resultar com a propagação de semelhantes doutrinas ! Talvez que as mesmas scenas da mais horrorosa das revoluções que ensanguentaram a França , em que os altares se profanavam com a idolatria , e a palavra de hum despota que derivava a missão divina dos apóstolos , proclamava aos povos o axioma de Deos , — a alma he immortal ! — e que no entanto a sociedade se desmoronava , que não se reconstruía como o templo de Deos com a palavra de Jesus Christo , se representassem nas margens argentinas ; talvez !... Mas os tempos passaram , e os cantos do vate da irreligiosidade levaram por sello a execração e o esquecimento ; e as Harmonias dos Dellamartines , e os Suspiros dos Magalhães echoaram nessas margens magestosas onde essa voz outr'ora tão potente trovejára , e os povos escutaram essas harmonias , e escutaram esses suspiros , e Estevan Echeverria apparece como o crepusculo de hum bello dia , tímido ao principio ante as trévas de huma longa noite , e pouco e pouco se reanimando com a luz que ella reflecte , e eis por fim o dia que dessipa as sombras , e nova época desponta na litteratura argentina , que toma huma physionomia mais Americana , com menos visos de hespanhola , e mais interessante , por isso mesmo que se torna mais original.

He Estevan Echeverria o Magalhães argentino ; e huma analyse de suas obras , que publicaremos a bom tempo , fará comprehender as felizes reformas que elle vem de executar na litteratura de sua patria ; mostraremos então que novos satellites da moderna escola começam de apparecer... São os novos bardos que dedilham suas harpas para entoar lugubres elegias á liberdade da nação que desce ao tumulo... e á patria... á patria que se define !...

Outros litteratos conta a republica argentina , mas cujos nomes e obras são apenas conhecidos em sua patria , citaremos entre elles J. A. Miralla , discipulo de Chorroarin e intimo amigo do poeta Madrid , e que foi por algum tempo secretario de Bolivar e militar sob o estandarte colombiano , e que morreu em 1826 quando se preparava para fazer parte da expedição mexico-

colombiana , que devia libertar Cuba. A elle se deve entre outras muitas obras que se não publicaram huma riquissima edição dos classicos hespanhoes e a elegante versão das ultimas cartas de J. Dortis , reimpressa recentemente em Buenos-Ayres. Porém d'entre os autores que illustram este periodo he por certo Gregorio Funes o primeiro e o unico de seus historiadores o mais digno de menção. Foi no meio dos combates e lidas politicas que elle conseguiu reunir os diversos materiaes para a composição dos quatro volumes de sua obra , derramados pelas paginas das composições dos Herrera , Diogo de Cordoba , Antonio Calancha , Juan Melendez , Alonzo Alloa , Francisco Collin , Simão de Vasconcellos e Manuel Rodrigues , e que chegou a dar á luz o *Ensayo de la historia civil del Paraguay , Buenos-Ayres y Tucuman*. « A absoluta falta de hum livro , diz elle no seu prologo , que podesse satisfazer a curiosidade dos que foram nossos pais e das revoluções que hão precedido o nosso estado actual , foi o que deu impulso á minha justa timidez. » Seu estylo he fluente , sua dicção pura , mas o seu juizo quasi sempre fraco e parcial. « Pena he , diz *Le Sage* , aliás o conde de las Casas , na sua *Historia dos Estados da America septentrional e meridional* , que tão estimavel autor se deixe arrastar o mais das vezes pela influencia de huma prevenção que degenera em aversão contra a dominação hespanhola , a ponto de confundir os abusos dos particulares e as faltas das autoridades com a politica do governo colonial. » A publicação encetada por D. Pedro de Angelis das series de *Documentos ineditos sobre as provincias do Rio da Prata* he de summa importancia para a historia , e lança muita luz sobre a obra de Gregorio Funes.

J. Norberto de S. S.



BRASILIANA.

Dedicada ao Illm. Sr. Ignacio Dias Paes Leme.

I.

Quanto he grato , meu Leme , nestas plagas
Que o acaso e Cabral ao mundo deram ,
No centro destas virgens serranias ,
A natura adorar , inda innocente ,
E o mundo primitivo perlustrando ,
Ouvir da criação a voz intacta ,
Fruir embebecido os sons divinos ,
Aqui em sonho elyseu , em almo arrobo ,
Perfumando a existencia , amaveis horas ,
A vida se deslisa entre venturãs.

II.

He grato junto a hum corgo crystalino,
 A' sombra gigantesca d'hum vinhatico
 Repensar nesse mundo, em cuja lapida
 Os sec'los exararam á porfia
 O pomposo epitaphio — A historia humana —
 Desdobrar do passado o panorama,
 E do escuro sarcophago da morte
 Arrebatat co' a mente o mundo antigo.
 Aqui sem tradições vemos o berço
 De Memphis, de Persepolis, d'Athenas;
 Aqui vemos o Druida e o Cimmerico,
 Como o genio do vate outr'ora vira
 Nas florestas d'Ausonia e da Britania
 Predizendo o futuro: estas montanhas
 O berço do universo representam.

III.

Pelasgos nossos pais, Phenicios foram!
 Sobre o dorso das ondas inconstantes
 Tendo a prôa no céu, na ursa os olhos
 Toldaram de cem mares, com mil naves
 As aguas onde punicas triremes
 As virgens ondas com seus rostros ferreos
 Jámais cortaram do oceano ignavo.
 O Tigre, o Gange, o Prata, o Amazonas
 Lavaram mais de vez as lusas quilhas.
 Embalde em flexas, dardos convertêra
 O valente Tamoyo estas florestas,
 A sua independencia, e paz, curvou-se
 Ao ferro e a bombardas lusitana.
 Conquistando invadiram seus dominios,
 Dominios cuja posse além remonta
 Do uso da linguagem e do lume.

IV.

Do reino do Tamoyo, aqui outr'ora,
 Só de vasos fragmentos testemunham;
 Rude esboço da industria primitiva.
 O astro dos Toltecas e dos Incas
 Não transmontou seus raios sapientes
 Além do Chimboraso e do Jorulho.
 Desde a infancia do mundo no seu leito
 Jazeu a rocha immovel, sem que o ferro
 Em templos, em pyramides, em porticos
 A sua rija massa avassallasse.
 O homem primitivo não profana
 A ossadura da terra a ferro e fogo:
 Elle a vida conhece transitoria,
 Seu espaço do berço á sepultura;
 E os dias deslisando na innocencia,
 Como hum anjo, da campa aos céos s'eleva.

V.

Tu que infante escutaste a voz d'hum sabio,
 Do luso Montesquieu, lá onde o astro
 Da diva sapiencia, fulgurando
 Expande no univerno o claro lume.
 Tu que outr'ora, sentado e pensativo
 No monte Palatino, craneo augusto
 Do historico esqueleto dessa Roma,
 Viste as sombras errar d'heroes tão grandes,
 Nesse imperio que outr'ora escravisára
 O mundo de Strabão e de Aristoteles!
 Que viste dos humanos o almo apuro,
 Quer no pego insondavel do passado,
 Quer na estrada do afan contemporaneo;
 Que em varias regiões com pasmo viste
 Debaixo de raizes seculares,
 Cidades de cidades alicerces,
 E a palavra dos sec'los esculpida
 No marmore, no bronze e nessas ruinas!
 Que a trilha de teus passos confundiste
 Co'a a trilha das cohortes invenciveis,
 Que o mundo avassallaram portentosos!
 Que viste, não menores, os prodigios
 Do sec'lo em que vivemos, que n'hum dia
 Realisa o labor que annos custára,
 Perfuradas montanhas, aqueductos,
 Onde o carro inflammado vóa ovante;
 O trajecto das pontes invertido,
 Os Alpes nivellados e os tufões
 A' nave fumegante se curvarem!
 Que no afan te encontrei da sapiencia,
 E das artes a unção sagrada e bella
 A fronte juvenil tambem ornando!
 Porque do turbilhão das capitaes
 Tão joven te ausentaste, caro amigo?!

VI.

Razão cabal na mestra da existencia,
 Na existencia dos homens encontreaste.
 Aqui não ergue a voz a vil calumnia,
 Impudicos tropheos desenrolando;
 Nem da intriga cochicha o labio impuro.
 Nem a ferrea socure do egoismo
 As flores da virtude fana e myrrha.
 O ruido das serpes n'estas brenhas,
 O bramido das onças, e o sibilo
 Que da tromba feroz a Anta despede;
 E o rufo temeroso d'anc'ra eburnea
 Que ao bronco caitutu arma a queixada,
 Tem acentos mais puros, mais suaves,
 Que os hymnos lisongeiros e traidores
 Vibrados nos sophitos dos velabros
 Aonde o scepticismo, em hasta publica,
 Trafica Deos, a patria e os humanos.

VII.

Berços de teus avós foi esta terra ;
De Batavia teu tronco nobre e puro
Aqui a independencia firmou provido.
A primeira esmeralda brasileira ,
Que adornára do luso a regia fronte ,
Da terra avita mão arrebatou-a
Lá onde o Sabará , o Rio Doce
Por entre aréas d'ouro , de diamantes ,
Já desde a criação ao mar deslisam .

VIII.

Estas serras gigantes de granito ,
Que os astros affrontando , as nuvens cardam
Co'a grenha secular de augustos troncos ;
Cujos flancos em sulcos profundissimos
Mysteriosas grotas , atras , formam ;
Onde eterno crepuse'lo se enclaustrara ,
E a voz dos furacões , das tempestades
Eiterna murmura , brama e ronca ,
Ao som das catadupas que se garfam
Entre broncos penedos e raizes ,
E que o *Fiat* supremo , o mando eterno ,
Escutaram , informes , inda presos
Nas entranhas do chaos , da eternidade ,
São , meu Leme , mais caras , mais suaves
Que as torres colossaes , que esses zimbórios
Erguidos entre as ruas e celeuma
Desse emporio do sul , do novo mundo .

IX.

Goza da independencia que outorgou-te ,
Aquelle que ao rei disse em plena côrte ;
Quem vem para vos dar , pedir não deve

Tens na c'roa do palmito ,
Na raiz do mangarito ,
Grato cibo salutar ,
Que mais podes desejar ?

Tens mil aguas crystalinas ,
As frutas as mais divinas ,
Huma esposa de invejar ,
Que mais podes desejar ?

Tens huns filhos , que delicias ,
Que te cercam de caricias ;
Tu és pai , sabes amar ,
Que mais podes desejar ?

Tens hum tronco virtuoso ,
Nobre pai e generoso ,
Irmãos de felicitar ,
Que mais podes desejar ?

A terra ouro te brota sobre a messe ;
N'hum tronco almo jaty labora o nectar ,
E ainda p'ra assombrar na inculta selva ,
Alado lavrador cultiva a esmo
Aqui , alli frondosas lorangeiras
C'os indigenos pomos contrastando !
Para ti pasta o veado , engorda a rola ,
Nutre-se a jacutinga e o macuco ,
E nos ares pipita em atras nuvens
Essa infinda nação que traja o iris :
O tonico paty , cevadas pacas ,
Do triclinio dos reis não conhecidos ,
No tecto hospitaleiro sup'rabundam-te .
Para erguer hum palacio , hum templo augusto ,
Gigantescas columnas , rijas cordas ,
N'hum minuto o machado colhe ovante
Na frondente floresta , onde pullula
O ferro vegetal , a telha florida ,
E de tudo que Deos fez brinde ao homem .

X.

Ah ! como ao contemplar taes quadros sinto
N'hum ether de delicias balançar-me ,
Qual balança a taioba os verdes discos
Se o halito odoroso e susurrante
Da brisa matutina enfia o bosque .
Minha alma aos céos remonta , qual remonta
A mimosa uricana os seus pennachos .

XI.

Que pasmoso espectac'lo , que belleza
Aqui destas alturas se divisam !
O sublime firmou eterno imperio
Sobre estas serronias gigantesças .
Aqui em caracteres eviternos
Suas leis escreveu a providencia .
Estas pedras que suam mil regatos ,
Estes fossos medonhos , estes campos ,
O tinguá alcantil , o rude saxo ,
E o magno Briareo destas florestas
Giguitibá medonho na structura ;
Estes troncos que abraçam trinta homens ,
Que o alvo ao caçador frustram n'altura !
Esta procreação infatigavel ,
Esta phenix eterna de verdura ,
Tudo , tudo revela a voz potente ,
Que c'hum sopro creára o moto e a vida .
Zomba da fouce a natureza provida ,
Hum bosque secular cabe , d'improviso ,
Ergue-se hum novo bosque por encanto !
A voz da criação , esse hymno eterno ,
Noite , dia incessante em puro accordo
A latente harmonia cadenceia
Nesta zona feliz , Eden celeste ,
Que a estação amorosa eterna habita !

XII.

Com vagas immoveis, como hum pelago
 D'ondas petrificadas, se distende
 Vastissimo horizonte, que se esfuma
 Nesse azul oceano, que a meus olhos
 A linha do infinito bruxulea.
 Aqui, alli, ao longe se recurvam
 Redes de estradas, rios e regatos
 Como galhos argenteos que tremulam
 Entre os montes, os campos e as searas!
 Que scena divinal! Se a luz da aurora
 Peneira no ambiente o roxo pollen
 Que colora no céu os arreboes,
 Ou do poente rubido incendeia
 As orlas das montanhas, no horizonte
 Inflammados phantasmas desdobrando,
 Que diluvios de purp'ra á terra entornam;
 Ou na hora em que voa o bacorão,
 E acende o pirilampo o cirio, e cruza
 Por entre tatibuias, e nos brejos
 Sua luz movediça reflectindo
 Hum triplo firmamento a vista fere!
 Que sublimes paineis, que magestade,
 Que mysticos encantos não desdobram
 Tuas obras, Senhor, a mente artistica!
 A tua omnipotencia assaz conculca
 Os delirios do meu entusiasmo.
 Com meus labios beijando o pó da terra,
 No teu altar, Senhor, fruo curvado
 As torrentes de amor que te consagro.

XII.

Sorvei, meus olhos, sorve tu, minha alma,
 Estes raios de luz, estes prodigios
 Que a historia e a natura dadivosas
 Nest'hora de venturas me trasbordam.
 Que horizonte meu Deos, que panorama?!
 Á dextra alveja Santa Cruz que outr'ora
 Os filhos de Anchieta e de Bragança
 Mais de vez hospedou! — Progenie heroica —
 Que a cruz e as lusas quinas transplantaram
 Do Golgota e do Tejo até a gruta
 Onde erguera Camões co'a mente diva
 Monumento immortal a si e á patria.
 N'essa bella mansão, regio dominio,
 Se engorgita o Guandu d'ondas auríferas,
 E as varzeas esmaltando expande ovante
 Viço eterno na terra. Nos ceruleos
 Siparios do horizonte avulta a serra
 Que o berço de Amador á vista encobre,
 Recinto colossal, que cinge as plagas
 Aonde á voz de Pedro, no Ipiranga,
 Hum imperio surgiu! Hum Deos foi quasi!
 Em frente o céu recorta magestoso
 Esse enorme gigante resupino
 Em turquino filó amortalhado.

Não mede a flecha do Indio hum de seus membros,
 Nem do caracará, nem do tucano
 A abalada longinqua o corpo alcança!
 Nos seus flancos eternos bruxulea
 Tyro meridional, augusto emporio,
 Cujo porto sondado tem mil vezes
 As ancoras e as quilhas do universo.
 Salve, inveja do mundo, rei dos portos
 Asylo da bonança e paz dos mares;
 Que viste em tuas aguas reflectir-se
 Em fronte bragantinas — Só na America —
 Dez regios diademas, regias fronte!
 Em ti dormita em paz o palinuro
 Despresando o pampeiro, e do equinoxio
 O mortif'ro tufão que horrido sulca
 Entre as vagas milhões de sepulturas.

XIV.

Tambem d'aqui diviso a nobre rocha
 O diurno pharol do nauta ousado!
 Oh tu primor de Deos, mole sublime
 Que toucas de trovões raios e nuvens
 A tua alcantilada, alpestre cupula;
 Balisa tropical, meta luzente,
 Throno de Capricornio, a cujo mando
 O ecliptico galope dos ethontes
 Pára e recua no celeste circo,
 Vedando o dardejar além das raias
 As sarissas em pino, abrasadoras,
 N'esse do sul Eden, onde o guayba
 Co'os braços diamantinos acalenta
 Magno berço de herões, que temperaram
 No sangue do inimigo invictos gladios!
 Oh salve Pão d'Assucar, salve, salve!
 Tu és do alquebrado nauta o astro
 Que as syrtes afugenta do naufragio.
 Tua vista refresca a calma intensa,
 Aplaca a fome, dissidenta a sêde;
 Em teus pardos listões pende a esperança
 Da saudade, do amor, e da amizade
 As flores consolantes da existencia.
 Tu apontas nos tympanos cansados
 Do apito, vagalhões, ventos, balouços
 Essa diva harmonia, som celeste,
 Que desfere na prôa a grossa amarra
 Quando ao fundo do mar mergulha o ferro!

XV.

Neste ameno tapete de verdura,
 Que por centos de milhas se matiza
 De niveos aposentos, além vejo
 Desses undosos e azulados tanques
 Bordar de Nietheroy a leda margem
 As ridentes mansões que amor respiram.
 Boia no centro movediço bosque
 De hum mundo a outro mundo transplantado.

Brilha-lhe em vez da coma floriverde
 Em vez de trepadeiras nas vergonteas
 Altivos pavilhões, largas antenas
 E o maçame intrincado, que retrata
 Das rijas crecimas o invio crivo.
 Co'essas moles audaz traça piloto
 De hum cabo a outro cabo aerea ponte,
 De hum polo a outro polo breve estrada;
 Co'a bussola e sextante a Groelandia
 Do cabo das tormentas dista hum passo.
 Dos extremos da terra os homens fallam-se,
 Nesse bosque Albion ao mundo envia
 Outro mundo que a industria refundira.
 Cravada de obeliscos colossaes,
 Que parecem do céu soste a cupula
 Rompe os ares dos orgãos serra enorme!

O raio já mais ferio
 Seus celestes corucheos;
 Seus profundos botareos
 Lambe o fogo dos volcões!

Alli, proscenio ingente, outr'ora hum vate
 A scena transplantou do Pelio e Ossa!
 Alli titanea prole hum novo assalto
 A' siderea mansão insana ousando
 De novo supplantára o braço electrico
 Do deos do paganismo, e sobre as ondas
 Ind'hoje de seus craneos boiam restos
 Nessas ilhas ridentes que povoam
 De Nictheroy sem par o lago ameno.

XVI.

Cala-se a voz da historia se olho em retro,
 Mas surge da natura a voz potente,
 Graves assentos, hymnos portentosos
 Por toda a parte exbalça, que revelam
 O dedo divinal, que n'hum segundo
 Os astros granisou no infindo espaço,
 E a orbita traçou das harmonias.
 Prodigios de prodigios incessantes
 A cada passo nascem, desaparecem!
 Em delirios a mente se enfraquece,
 Curva-se o intellecto e se acobarda,
 Como outr'ora no frigido Simplone
 Antes que a voz d'Italia o despertasse!
 Largos lustros errante, e incansavel
 Sobe e desce o tropeiro estas alturas,
 Sertanejas cantigas modulando,
 E no rancho do pouso o lote alija;
 Coa-lhe os membros o pesado somno;
 Saúda mil auroras e mil tardes
 Sem jámais em sua alma esvoaçarem
 Os extasis divinos, os delirios
 Que a natura nos vates a alma insuffla!

XVII.

Nunca os olhos cansaram no exercicio,
 Nem de ouvir os ouvidos se fatigam!
 No cyatho do amor nossa alma abreva-se,
 Mas a taça do amor renova a sêde;
 Insondavel seu bojo avaro guarda
 Das sensações as ondas variaveis,
 Que no moto da vida multiplicam-se!
 E p'ra que, doce amigo, afan tão grande?
 A vida converter n'hum sumidouro
 Onde o pomposo prestito das artes,
 O colossal registro das sciencias
 Os ridentes paineis d'almos prazeres,
 Se submergem, jámais enchendo o ambito!
 Que fome insaciavel! He nossa alma
 Hum Tantalo no lago do universo;
 Abrasada co' a sede da verdade,
 Cada ponto que traça o circ'lo infindo
 De toda a criação, da mente diva,
 Hum mysterio clausura; em cada ponto
 Se hum astro procuramos, vemos trévas,
 Se o queremos tocar, elle recúa!
 Arqueja a intelligencia de cansaço,
 E nos d'alma deliquios só vagueiam
 Essa luz que não vem lá do oriente,
 Nem do seio da terra, nem dos astros,
 Nem dos cirios dos templos, mas que mostra
 Do Senhor a grandeza, a immensidade.

XVIII.

Goza, contente goza, illustre amigo,
 Em teu modesto asylo essa ventura
 Que o tredo ambicioso jámais goza.
 As bagas de suor que a fronte adornam
 São mais caras a Deos que laureas c'roas
 Ennastradas de prantos, de gemidos;
 Suas folhas espectros acobertam,
 E verdejam c'o sangue que as regára.
 Os calos nossas mãos mais puras tornam,
 Elles são da moral a unção sagrada,
 Insignias do labor, da independencia;
 As gemmas mais brilhantes para os dedos
 De hum braço varonil, de hum braço nobre.

Fazenda de S. Pedro, na serra de Santa Anna,
 30 de janeiro de 1844.

Araujo Porto-Alegre.